

Queda na montanha

PETER BROWNE

O alpinista Paul Fozzard enfrentava o maior desafio de sua vida

A 609 METROS de altura, no ventoso pico de *Sgor a Chleirich*, Paul Fozzard deu a última olhada para a magnífica paisagem de lagos e montanhas a enfeitar a recortada costa norte da Escócia.

A manhã fora ótima, com a escalada dos cinco cumes de Ben Loyal, conhecido por “rainha dos picos escoceses”. Eram 13h45, hora de voltar para o carro, estacionado numa trilha a 8 quilômetros dali.

Consultou o roteiro. “Com cuidado”, indicava, “escolha uma descida para o cume sudeste.” Paul optou por uma valeta, antigo curso d’água esculpido na montanha. Era íngreme – pelo menos 45 graus – mas não representava problema pa-

ra um montanhista dedicado como ele. Aos 36 anos, estava esguio e em forma, fortalecido pelos 20 anos de alpinismo.

Começou a descer a valeta, que logo ficou muito mais íngreme. *É quase vertical*, pensou. *Não vai dar.*

Virando o rosto para o declive, agarrou uma rocha com a mão esquerda e tentou voltar. Imediatamente, o solo cedeu.

Quando Paul caiu, por um segundo seu bra-





ço esquerdo sustentou todo o peso do corpo, antes de soltar-se da rocha. Ele soube que o ombro havia se deslocado.

Estúpido, idiota!, repreendeu a si mesmo.

Foram 10 metros de queda livre, até que bateu outra vez no declive e teve a sensação de tombar de costas e ir rolando. Depois, perdeu os sentidos.

A O VOLTAR A SI, ESTAVA todo encolhido, a mochila

ainda nas costas, num platô uns 60 metros abaixo, no ponto onde o declive era mais plano. Tentando se mover, perdeu o fôlego, com a dor lancinante no ombro e no peito. O braço esquerdo estava imprestável. Algo lhe escorria pelo rosto e, ao tocá-lo, sentiu o cabelo embaraçado com o sangue do corte profundo.

Paul afastou as alças da mochila para aliviar a pressão no ombro e no peito. Trêmulo, ficou de pé. A única forma de diminuir a dor era curvar-se. A preocupação imediata, tratar da ferida na cabeça. Comprimiu-a com a gaze do estojo de primeiros socorros, sem conseguir estancar o sangue.

Se não encontrar ajuda logo, posso sangrar até morrer, pensou.

Como se fosse para apressá-lo, o alarme do relógio tocou. Eram 14 horas de quinta-feira, 22 de junho de 1995.

Quinze anos como líder de escoteiros tinham ensinado Paul Fozzard a li-

Arrastava-se sobre um dos braços, no solo áspero de pedras e vegetação grosseira.

Mal percorreria 100 metros quando os joelhos e as canelas começaram a sangrar

dar com crises em lugares remotos. Por isso, analisou calmamente a situação. O carro estava do outro lado da montanha. Primeiro tinha de chegar ao vale, pelo menos 500 metros abaixo na descida íngreme. Depois, teria de andar mais uns 6 quilômetros.

Com os ferimentos, só havia uma forma segura de descer a montanha coberta de pedras.

Terei de rastejar e usar as pernas para empurrar a mochila montanha

abaixo, pensou. Não podia deixá-la para trás: continha suéter, estojo de primeiros socorros, mapa, bússola, água potável e comida – alguns sanduíches e chocolate. Representava sua salvação.

O caminho era difícil. Ele arrastava-se sobre um dos braços, no solo áspero de pedras e vegetação grosseira, e mal percorreria 100 metros quando os joelhos e as canelas começaram a ficar arranhados e a sangrar. Cada vez que chutava a mochila ela descia desordenadamente, e ele tinha de seguir-lhe a trajetória em ziguezague.

Agora era preciso mais do que apenas calma diante da crise. A experiência também era importante para poder sobreviver. Em anos de árduas caminhadas de longa distância, aprendera a combater o sofrimento e a fadiga concentrando-se em outras coisas. Pensava em encontrar ajuda médica para o ferimento na cabeça.

Isso o fazia esquecer do peito e do ombro.

Mas por volta de 18 horas, não conseguia encontrar a mochila. Paul olhou para trás por entre as pernas e percebeu que calculara mal a distância. Movia-se de modo a evitar as rochas do caminho, porém ainda assim esbarrava nelas. *Não estou enxergando bem.*

Quando tapou o olho esquerdo, só havia uma nódoa no direito. Pelo menos o sangramento passara. Agora que não tinha mais de se preocupar com as conseqüências da perda de sangue, precisaria de novo objetivo para motivar-se.

Deveria encontrar-se com amigos em sua cidade natal de Mirfield, Yorkshire, no dia seguinte. O plano era ir de carro até Derbyshire e sair cedo no sábado para inscrever competidores numa desafiadora caminhada que haviam organizado. Seria o último evento de sua semana de férias.

Trabalhava como inspetor de qualidade numa fábrica de cadeiras de rodas elétricas para portadores de deficiência física. Ignorando os ferimentos, convenceu-se de que, se pudesse chegar ao carro por volta de meio-dia na sexta-feira, seria capaz de fazer a tempo o percurso de nove horas. *Não posso decepcionar o pessoal.*

Mas à meia-noite, depois de dez horas se arrastando pela descida íngreme, ainda estava no alto da montanha. Exausto, vestiu uma jaqueta impermeável contra o frio terrível, enfiou-se num saco laranja, usou como travesseiro a mochila suja de sangue, e comprimiu os pés contra uma rocha. Te-

mendo rolar pela montanha durante o sono, só cochilou, sem sossego.

Na madrugada de sexta-feira, arrastou-se para fora do saco e analisou a situação. A seu favor: encontrava-se bem equipado. Contra: estava virtualmente cego de um olho, o peito e o ombro doíam mais do que imaginara ser possível, e a distância que percorreria com tanto esforço no dia anterior era lamentavelmente pequena.

PAUL FOZZARD ERA teimoso demais. Aos 14 anos, escoteiro, descobrira a descarga de adrenalina das caminhadas ao completar o notável percurso de 64 quilômetros pelos pântanos de North York em menos de 24 horas. Desde então, procurava desafios cada vez maiores.

Em 1994, passara os dias livres escalando todas as 432 montanhas de mais de 600 metros de altura da Inglaterra e do País de Gales. Agora, enfrentando o maior desafio de sua vida, estava determinado a não se deixar vencer. *Estou encrocado e preciso sair desta.*

De sua posição no declive conseguiu avistar com o olho são uma faixa de floresta no pé da montanha. Se chegasse lá, pegaria o rumo norte, em direção ao carro.

Enquanto engatinhava sobre os joelhos agora em carne viva, o sol já estava quente num céu sem nuvens. Tirou o casaco que usara à noite e, à medida que a temperatura subia, o moletom e a camiseta também.

Arrastava-se insistentemente, chutando a mochila montanha à frente e olhando entre as pernas para ver onde

caíra. Movia-se de maneira mecânica – rastejava, olhava, rastejava, olhava – ainda concentrado em chegar a Derbyshire e refazer seu calendário. *Certo, talvez eu não chegue ao carro hoje, mas se puder fazê-lo amanhã, ainda posso estar lá a tempo...*

Após cerca de uma hora, olhou para trás e não viu nada. Sua mente exausta levou um instante para registrar a brutal realidade: perdera a mochila. Lutando contra o pânico, tentou pensar com lógica. *Devo ter passado por ela.*

Engatinhando de volta para cima, avistou-a na moita e foi até lá. Mas, com apenas um olho são, perdeu-a de vista outra vez. Por causa do cansaço, começou a ter alucinações. Pensou ter estado com pessoas que tinham levado a mochila para o carro.

Ficou preocupado que não o esperassem. Por volta do meio-dia, estava fora da montanha, entre as árvores. De súbito, sua mente clareou. *Não há mais ninguém*, percebeu com choque. *Estou sozinho, e a mochila ainda está lá em cima.* Ele também ia na direção errada.

Corajoso como era, Paul encontrava-se perto do desespero. Sem a mochila, sabia que suas possibilidades de sobrevivência eram poucas. No entan-



“Por mais experiente que você seja, não ache que pode vencer montanhas. Se o pegarem desprevenido, podem machucá-lo”

to, lembrou-se de ter ouvido uma cachoeira. Voltou para encontrá-la e sentiu que naquele ponto começavam as árvores. Reunindo toda a força de vontade, arrastou-se montanha acima outra vez.

Por mais seis horas subiu sobre as mãos e os joelhos, sob sol escaldante, à procura da mochila. Era duplamente difícil com um olho só. Tinha de ficar balançando a cabeça para a direita, para ter certeza de estar vendo todo o chão.

Entretanto, foi olhando para trás que afinal viu a mochila no final da tarde. Estava 13 metros abaixo, do lado do olho que não enxergava. Passara por ela e não vira.

Sem conseguir acreditar na própria sorte, Paul comeu o último sanduíche e de novo se arrastou até as árvores. No nível do chão, pensou que caso se inclinasse para a frente para aliviar a dor e colocasse a mochila no alto das costas, poderia caminhar, embora de forma lenta e desconfortável.

Naquela segunda noite, começou a andar e descansar. Abandonara todas as esperanças de encontrar os amigos. Agora, a força que o movia era o medo de parar e nunca mais poder conti-

nuar. Embora entorpecido pela exaustão, forçava-se a limitar as pausas.

Viu a distância luzes que, esperava, fossem o vilarejo de Tongue, a pouco mais de um quilômetro de onde deixara o carro. Chegou a um córrego que localizara no mapa e o seguiu.

NA MANHÃ DE SÁBADO, terceiro dia, comeu o último alimento, uma barra de chocolate. O mapa indicava que faltavam menos de 3 quilômetros para chegar ao carro, mas ele supôs que só estava percorrendo 270 metros por hora. Continuará durante a noite. Concentrou-se na pior dor – o ombro deslocado – e continuou cambaleando e resmungando. *Vou completar esta caminhada.*

Eram 20 horas quando, numa curva da trilha, viu o carro.

Consegui!

Atirou-se no assento do carona, exausto. Quando acordou no domingo cedo, Paul não conseguia mover o braço esquerdo e morria de dor se tentasse levantar ou virar o corpo.

Basta, pensou. Sobrevivi. Agora realmente preciso de ajuda. Reunindo as últimas forças, chegou até o banco do motorista, ligou o motor e, com apenas um olho enxergando e uma das

mãos no volante, dirigiu pela trilha até o vilarejo, parando em frente ao posto da polícia.

Christine Stokes, esposa do policial, chamou a ambulância, que o transportou cerca de 95 quilômetros até o Hospital Geral de Caithness, em Wick. Raios X revelaram uma vértebra quebrada no alto da coluna. Os médicos deram pontos no ferimento da cabeça, restabeleceram o ombro deslocado e fraturado, e trataram dos arranhões e queimaduras de sol. Ele foi transferido de helicóptero para um hospital em Inverness, onde ficou 12 dias engessado.

TRÊS MESES DEPOIS estava de volta ao trabalho. O mais duradouro legado dessa experiência foi a inoportuna dor nas costas e a lenta recuperação da visão no olho direito, danificado pela hemorragia dos vasos sangüíneos. Em abril último, estava suficientemente bem para participar dos 41 quilômetros da caminhada Three Peaks, em Yorkshire Dales.

Ainda há muitos outros picos a conquistar, mas Paul Fozzard nunca esquecerá a regra básica: “Por mais experiente que você seja, não ache que pode vencer montanhas. Se o pegarem desprevenido, podem machucá-lo.”



É melhor não ouvir

TENTANDO ESCLARECER sua posição, o orador em nossa aula da escola dominical para adultos fez lembrar a todos que o homicídio e o adultério eram os dois maiores pecados. Do fundo, um homem levantou a mão, pedindo ao orador que repetisse o segundo pecado. Antes que pudesse responder, uma mulher do grupo se adiantou, dizendo em voz alta:

– Não se preocupe, Fred!